

Biblioteca Nacional dá prêmio a Darcy

Senador rouba a festa em cerimônia para os melhores do ano na literatura

Berenice Seara

O senador e antropólogo Darcy Ribeiro roubou a festa. Na entrega dos prêmios Biblioteca Nacional 1996, Darcy — que recebeu o prêmio Sérgio Buarque de Holanda, na categoria ensaio social — venceu o calor da tarde de segunda-feira e o assédio de dezenas de admiradores com uma enorme dose de bom humor. Na ausência do ministro da Cultura, Francisco Weffort, a representante do ministério no Rio, Beatriz Resende, entregou ao senador o prêmio de R\$ 5 mil pelo livro “Diários índios: Os urubus Kaapor” e foi a primeira a ouvir os seus famosos galanteios:

— Que bom que o ministro não veio. Mais vale um beijo da Beatriz do que um abraço do Weffort — comparou Darcy.

O presidente da Fundação Biblioteca Nacional, Eduardo Portella, se apressou em explicar a ausência do ministro.

— Ele é refém de um grupo de cineastas. Nós, passageiros da galáxia de Guttenberg, somos mais modestos — brincou.

Wally Salomão acha que, na poesia, prêmios são raros

A felicidade de Darcy só não era maior do que a de Wally Salomão, que dividiu o prêmio Alphonsus de Guimaraens, na categoria poesia, com Manoel de Barros. Wally contou que o livro “Algaravias” foi responsável por seu primeiro prêmio em literatura:

— No Brasil, pensa-se que poeta vive de brisa, é um comedor de nuvens. Na poesia, as premiações são raros — protestou.

Manoel de Barros, homenageado por seu “Livro sobre nada”,

não pôde deixar Campo Grande (MS) por causa de uma gripe forte e foi representado pela filha Martha de Barros.

— Pena que ele não veio. Queria lembrar nossas tardes de conversas no Garden, há três anos, quando preparava o livro “Armarinho de miudezas”. Falávamos sobre tudo, inclusive poesia — lamentou Wally.

Eduardo Portella destaca a pluralidade da escolha

O prêmio Paulo Rónai, na categoria tradução, também foi dividido entre Marco Lucchesi (por “Poemas à noite”, de Rilke e Trakl) e José Paulo Paes (por “Gaveta de tradutor”). Lucchesi contou que, embora não fosse o seu primeiro prêmio, era aquele que mais o emocionava:

— Primeiro, porque considero a Biblioteca Nacional a minha casa. Depois, porque esse trabalho é um dos que eu mais gosto. Trakl é o poeta que mais me fere neste século. Sua poesia é de uma musicalidade tão sublime, tão espantosa, que o seu mundo caminha para a morte mas, ao morrer, canta uma beleza inigualável.

Os outros premiados foram Flávio Moreira da Costa (categoria romance, por “O equilibrista do arame farpado”), Sílvia Ribeiro (projeto gráfico, por “Guia dos curiosos”), Marlyse Meyer (crítica literária, por “Folhetim: uma história”) e Silviano Santiago (conto, por “Keith Jarrett no Blue Note”). Portella destacou a pluralidade na decisão dos jurados.

— A síntese dessa escolha está na figura emblemática do senador Darcy Ribeiro. Ele é uma representação plural de uma cultura plural. Por isso aprendemos a aprender com ele — resumiu. ■